

Relatos e Reflexões de um Pesquisador- Itinerante

Eis aí precisamente o primeiro papel do relato. Abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes. (Certeau,2004: p.211)

Para dar início ao processo de pesquisa, parte-se do próprio campo, de onde se descortinarão os caminhos a serem percorridos. As direções escolhidas para a investigação são primordialmente traçadas durante o próprio ‘pesquisar’. Escolhe-se um ponto de partida. Dá-se início à investigação.

O que pretendo fazer aqui é um mapeamento retrospectivo deste traçado e como o pesquisador foi construindo este percurso, nas suas impressões, observações e passos. No trajeto da pesquisa, pesquisador e personagens do campo escrevem, em co-autoria, uma história, sendo esta composta pelas nuances próprias dos modos de experimentação dos principais protagonistas – no caso, aqui, os próprios jovens –, e dos modos de experimentação do pesquisador no contato com seu campo. Ambos pesquisador e sujeitos da pesquisa, por certo são afetados e, afetam-se mutuamente, durante o percurso investigativo. É esta a especificidade da pesquisa-intervenção e, talvez se possa afirmar ser também, o mais instigante desta empreitada.

4.1.

Percursos e Percalços da Pesquisa

A pesquisa de campo ocorre principalmente através de dois recursos investigativos: a *entrevista* e o que denominamos *observação-itinerante*. Os autores Mikhail Bakhtin e Michel de Certeau, serviram de respaldo reflexivo, embasando, respectivamente, as duas estratégias metodológicas de pesquisa. Seguem adiante os modos como foram utilizados os dois dispositivos de investigação, nos seus percursos e bases metodológicas.

4.1.1.

A Entrevista

A entrevista foi utilizada de duas formas distintas. Na primeira, como meio de acesso a informações mais objetivas sobre o programa. Fazia-se importante conhecer a história do projeto de Ação Social na Universidade, no seu percurso e adversidades, segundo os pontos de vista dos atores institucionais envolvidos nesta trajetória. Logo, interessavam os relatos destes atores no sentido de trazer à tona o percurso histórico pelo qual atravessou a construção e concretização do projeto desde o seu início. Neste caso, o foco da entrevista volta-se prioritariamente para as informações mais objetivas trazidas nos depoimentos. O acesso e a escolha dos entrevistados foram intermediados pela própria instituição, ou seja, procurei¹ conversar com os nomes apontados como fundamentais na construção do processo, de acordo com orientação e contatos cedidos por profissionais da própria PUC. Estas entrevistas foram feitas individualmente num total de oito. Foram contemplados os seguintes segmentos da instituição: Vice-reitoria Comunitária, Pastoral, Departamento de Serviço Social, Departamento de Educação.

Tais depoimentos foram usados principalmente na composição do terceiro Capítulo – *O Programa de Ação Social na PUC-Rio: Vozes da Instituição*, a fim de situar as experiências dos jovens dentro da rede de forças e de ações que os vem tangenciando cotidianamente.

¹ Como o capítulo em pauta centra-se no depoimento pessoal acerca dos processos metodológicos desenvolvidos, nele optei pelo uso da primeira pessoa do singular.

No caso da pesquisa com os jovens, a entrevista foi usada em uma outra perspectiva. A proposta, desta vez, era a de conhecer o modo como os jovens vivenciam a experiência de serem estudantes da PUC-Rio e como significam e expressam esta vivência na linguagem. Assim, foram entrevistados vinte e nove (29) atuais bolsistas do projeto, (20 mulheres e 9 homens), provenientes de vários cursos, tendo sido contemplados os seguintes: Psicologia, Serviço Social, Letras, Filosofia, Ciências Sociais, Geografia, Informática, Engenharia, Comunicação Social e Direito.

Os cursos foram sendo incluídos de acordo com a possibilidade de acesso aos jovens. A principal preocupação era a de que fossem garantidas uma certa pluralidade e diversidade de áreas – exatas e humanas (as licenciaturas e outros cursos) – em função das especificidades de cada disciplina e das razões que, porventura, teriam motivado as escolhas dos estudantes pelas áreas de atuação profissional, entre outros aspectos. Grande parte das entrevistas foi realizada em grupos cuja composição variou de duas até seis pessoas, além do pesquisador. Estes grupos, ora eram formados por jovens provenientes das mesmas áreas de conhecimento, ora de cursos diferentes. Algumas entrevistas aconteceram ainda de modo individual. Estas variações ocorreram de acordo com as circunstâncias e com as disponibilidades de horários dos estudantes. Já os locais onde se realizaram estas entrevistas foram os mais variados, também respeitando as possibilidades que se apresentavam no momento. Portanto, não só o modo de realização e o objetivo deste tipo de entrevista diferem do anterior mas, principalmente, a maneira escolhida para acessar os jovens. É claro que seus relatos são, indubitavelmente, fundamentais. Contudo, neste caso, dá-se atenção ainda à relação que se estabelece entre pesquisador e sujeitos da pesquisa no ato da realização da entrevista, tendo, na perspectiva dialógica (ancorada em Mikhail Bakhtin) a sua estratégia metodológica principal.

De acordo com a visão desse estudioso, o ato da entrevista consiste num processo de comunicação que tem como base a perspectiva dialógica. Seguindo esta linha de pensamento e, em concordância com Jobim e Souza, entende-se por entrevista: “um espaço de construção de sentidos ou de produção de linguagem entre sujeitos organizados socialmente a partir de um enquadramento relacional específico”(p.90). Afirma ela:

O homem tem uma necessidade estética absoluta do outro. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse.(...)ser significa ser para o outro, e por meio do outro, para si próprio. É com o olhar do outro que me comunico com meu interior. Tudo o que diz

respeito a mim chega à minha consciência por meio da palavra do outro, com sua entonação valorativa e emocional. (Jobim e Souza, 1999: p.46)

Spink (1999) conceitua ‘produção de sentidos’ diferente de “uma atividade cognitiva intra-individual”, e mais ainda de uma “pura e simples reprodução de modelos predeterminados.” Segundo sua linha de pensamento, ‘produzir sentidos’ consistiria em “uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso.” (p.42)

Segundo, ainda, esta autora, sempre à luz da perspectiva bakhtiniana, linguagem teria por definição ‘uma prática social’. Explica ela: “A pessoa não existe isoladamente, pois os sentidos são construídos quando duas ou mais vozes se confrontam: quando a voz de um ouvinte (*listener*) responde à voz de uma falante(*speaker*).” Mais adiante complementa: “A compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes”. Então,

Um enunciado não surge, magicamente, do nada. Ele constitui uma unidade do ato de comunicação, um dos elos de uma corrente de outros enunciados, complexamente organizados. Em outras palavras, ao produzir um enunciado, o falante utiliza um sistema de linguagem e de enunciações preexistente, posicionando-se em relação a ele. O que estamos propondo é que, no cotidiano o sentido decorre do uso que fazemos dos repertórios interpretativos de que dispomos. (Spink, 1999: p.47)

Tomando por base tais pressupostos, optou-se por realizar a entrevista com os jovens sem um roteiro pré-determinado, de modo a possibilitar uma re-significação dos papéis instituídos – entrevistador e entrevistado – e a troca de experiências. Este modo de pesquisa caminha na contra-mão de um entrevistador que assume o lugar do especialista em busca da verdade absoluta dos fatos. Distancia-se, ainda, de um modo de pesquisa que prioriza a pré-formulação sistemática das questões da entrevista fora de seu contexto.

De outro modo, na presente pesquisa, o entrevistador traz uma questão central em função da qual se inicia o diálogo e, a partir dela, suscitam-se questionamentos outros no(s) entrevistado(s) e no próprio entrevistador, na forma de um diálogo. O entrevistador, por sua vez, em interação permanente com o(s) interlocutor(es), também participa do diálogo com suas identificações, impressões, modos de significação e, principalmente, a partir de sua história e do lugar social que ocupa. Replica-se aí, no momento da entrevista, um acontecimento da vida, em que sujeitos circunscritos em lógicas sociais diversas confrontam-se através da linguagem, sendo esta o alicerce sobre o qual emergirão as

diferenças, as similaridades e, porque não dizer, negociações. Sob esse ponto-de-vista, o modo como cada um vai significar e interpretar os relatos diz respeito necessariamente ao modo como compreende o mundo a sua volta, a partir de pressupostos construídos anteriormente. Contudo – e esta é a grande contribuição que esta proposta metodológica é capaz de proporcionar – assim como ocorre nos acontecimentos na vida, sujeitos re-significam antigos valores, quer confirmando velhos paradigmas, quer modificando-os ou lançando outros olhares e novas interpretações sobre os acontecimentos.

Em decorrência, o dispositivo “entrevista” tomado aqui como ferramenta metodológica, seria, então, um espaço de re-significação de papéis socialmente instituídos, na medida em que aqui, não se vê entrevistador e entrevistado em postos hierarquicamente estabelecidos de uma vez por todas, de forma fixa e imutável, mas como atores sociais, com suas histórias pessoais, inscritas por sua vez em contextos sócio-culturais particulares e que, ao longo da entrevista, estão sujeitos a negociarem seus lugares sociais. A partir do ato da entrevista, têm a possibilidade de atribuírem novos sentidos aos seus modos de ver e interpretar o mundo e, possivelmente, construir novos posicionamentos frente à vida. Para sintetizar, trago as seguintes palavras:

Para o dialogismo, toda a enunciação faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado. Todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que o sucederão: um enunciado é apenas um elo de uma cadeia, só podendo ser compreendido no interior dessa cadeia. (Jobim e Souza e Castro, 1997/98: p.88)

4.1.2.

A Observação-Itinerante

Passemos para a outra vertente de pesquisa. Introduzo-a a partir de um pensamento, melhor dizendo, de uma analogia, trazida por Marília Amorin, com a intenção de apresentar uma metodologia de pesquisa que dá importância ao processo e ao caminho percorrido e construído a cada etapa pelo pesquisador². Assim diz a autora:

O romance policial não conta uma história. Ele não segue a ordem dos acontecimentos, mas sim a ordem da descoberta dos mistérios.(...) O que é mais fascinante não é tanto a descoberta do culpado, mas a descoberta da descoberta, isto é, o fato de conhecer os procedimentos que permitiram a elucidação do mistério. (1997, p.127)

Tomando por base um caminho de pesquisa construído no cotidiano, numa trajetória não-linear, que dá atenção às pistas que o campo tem a oferecer e às impressões e intuições do pesquisador, deter-me-ei, então, na apresentação da vertente de pesquisa que denominamos '*observação-itinerante*'.

Nesse momento, são as contribuições de Michel de Certeau(2004) que tomam a vez. Podemos iniciá-las com as seguintes palavras do autor:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que 'fala'. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. (p. 179)

O caminho do *observador-itinerante* é traçado de forma livre, como um 'perambular solto' pelo campo. De um passo a outro, o 'pesquisador-detetive' constrói um mapa a partir de seu olhar, ou melhor, seguindo os rastros que se descortinam diante de seu campo de visão. Porém, o que não se pode deixar de ressaltar é que existe um objetivo que justifica toda a caminhada investigativa. Este, sim, é preciso. Nesse sentido, o caminho de pesquisa parte da delimitação de um objeto em função do qual o pesquisador passa a olhar e direcionar sua atenção. A partir do momento em que é estabelecido o foco de análise, este foco direciona as energias e motivações presentes no contexto do campo de pesquisa.

² Um detetive, na busca de elucidar um "mistério" ou desvendar um crime, segue as pistas deixadas pelo caminho e faz seu trajeto guiado por elas. Este é o modo metafórico usado por Amorin (1997) para trazer à tona uma metodologia de pesquisa na qual o pesquisador, na busca de um foco específico, constrói seu caminho guiando-se pelas pistas e/ou rastros que surgem em seu trajeto.

Em um processo simultâneo, o pesquisador investiga e interage com o campo e seu objeto. É preciso despir-se de expectativas prévias, pré-conceitos, permitir-se ser surpreendido e re-pensar antigos valores. Portanto, não se pode perder de vista que o sujeito-pesquisador não existe isoladamente. Ele é, assim como o sujeito da pesquisa, atravessado por uma história que antecede o início do processo de pesquisa. Está inserido dentro de um contexto social, com lógicas de funcionamento valorativas também específicas e é necessariamente produto e produtor delas. Interessa mostrar aqui não somente os caminhos percorridos, mas o modo como se descortinam estes trajetos e como o pesquisador dá atenção às surpresas do campo, transformando-as em sinalizadores que nortearão a caminhada. Certeau (2004) comenta o seguinte:

(...)Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá). Mas essas curvas em cheios ou em vazios remetem somente, como palavras, às ausências daquilo que passou. Os destaques de percursos perdem o que foi: o próprio ato de passar a operação de ir, vagar ou olhar vitrines, noutras palavras, a atividade dos passantes é transposta em pontos que compõem sobre o plano numa linha totalizante e reversível. Só se deixa então captar um resíduo colocado num não-tempo de uma superfície de projeção. Visível, tem como efeito tornar invisível a operação que a tornou possível. Estas fixações constituem procedimentos de esquecimento. O traço vem substituir a prática. Manifesta a propriedade (voraz) que o sistema geográfico tem de poder metamorfosear o agir em legibilidade, mas aí ela faz esquecer uma maneira de estar no mundo(...) (p.176)

É minha intenção justamente dar visibilidade ao ‘ato de passar’, ao ‘caminhar-iterante’ do pesquisador, ou ao que Certeau (2004) chama de “enunciação pedestre”, quando compara o ato de falar – como uma apropriação da língua pelo sujeito-falante – ao ato de caminhar no espaço urbano. Tal como a escritura de um texto urbano ou “(...)um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua)” (p.177). Para este autor, o ato de caminhar poderia ser definido como ‘espaço de enunciação’. (p.177)

Amparando-me em suas palavras, trago então a ‘retórica’ da qual fui autora, aliás, co-autora, já que a escrevi primordialmente em parceria com os próprios jovens, contando, ainda, com os inúmeros escritores-colaboradores³ que surgiram pelo trajeto.

³ Estou considerando como escritores-colaboradores todos os que passaram pelo caminho de alguma maneira, desde os que me concederam meras informações de direção, passando pelos que deixaram certos escritos nos murais na Universidade, os coadjuvantes que serviram de personagens compondo o pano de fundo do cenário mais amplo de pesquisa, não deixando de destacar o grupo de pesquisa com sugestões e discussões antes e durante o processo de investigação e, muitos outros.

4.1.2.1

Os Primeiros Passos...

(...)Seu herói decide partir em busca de aventura indo atrás de um tira de papel que abandonara aos caprichos do vento. Qualquer pista seguida pelo flaneur vai conduzi-lo a um crime. Com isso se compreende como o romance policial, a despeito de seu sóbrio calculismo, também colabora na fantasmagoria da vida parisiense. Ainda não glorifica o criminoso, mas sim os seus adversários e sobretudo o terreno onde se desenrola a caçada. (Benjamin, 1991: p.39)

Tendo em mente o foco principal de análise, parto no sentido de buscar no campo as primeiras coordenadas a seguir. Escolho, como o primeiro local de busca, o órgão da Universidade responsável pela administração das bolsas de estudos – a Vice-Reitoria Comunitária. Sou prontamente recebida e orientada a procurar alguns nomes que fizeram parte, mais de perto, da criação do Projeto de Ação Social. Foram fornecidos, neste momento, alguns dados estatísticos sobre o projeto e outros elementos.

Uma vez conversando com alguns dos protagonistas, começo a tomar contato com o contexto mais amplo da pesquisa. Os próximos locais a investigar seriam: a Pastoral da Universidade, a responsável pela administração do FESP – Fundo Emergencial de Solidariedade, o Departamento de Serviço Social – pioneiro na recepção destes jovens como graduandos e o Departamento de Educação. A importância dos cursos pré-vestibulares comunitários para a concretização do projeto aparece de imediato. Embora não fosse o caso de uma investigação apurada nestes próprios espaços, já que interessava-nos a experiência dos alunos na Universidade, presumimos, diante das primeiras pistas, que os jovens oriundos destes cursos preparatórios se destacavam por apresentar uma experiência singular, diferente dos demais participantes do projeto⁴. Delimita-se, ainda mais, o objeto de análise. Nosso interesse se voltou para a experiência dos jovens bolsistas de Ação Social da PUC-Rio, que tivessem tido em sua trajetória a caminho da Universidade, a passagem pelo curso pré-vestibular comunitário. Neste momento, precisávamos nos munir de material capaz de apresentar os modos de funcionamento e a filosofia destes cursos preparatórios,

⁴ Embora em grande maioria, nem todos os jovens do projeto de ação social vêm de cursos pré-vestibulares comunitários. Priorizamos na pesquisa, no entanto, somente os ex-alunos destes cursos preparatórios por razões especiais que serão mais bem esclarecidas no capítulo seguinte.

antes de entrarmos em contato com os jovens. Assim foi feito. Começa então a montagem do “quebra-cabeça”.

Além disso, as observações cotidianas do pesquisador são também usadas como material de análise, as quais se integram aos conteúdos das entrevistas. O diário de bordo é a ferramenta usada para registro das informações, impressões, intuições, hipóteses. Cada acontecimento é registrado de acordo com a percepção e interpretação do pesquisador no momento. Tais impressões e observações – registradas no referido diário – vão juntar-se, mais tarde, ao material recolhido a partir das entrevistas e, ainda, contribuirão para propor reflexões, questionamentos e conclusões em torno do tema central do estudo.

De posse do diário de bordo, do olhar curioso, da escuta atenta e, ainda, das primeiras coordenadas, sigo caminhando pela Universidade em busca dos jovens. A primeira grande preocupação seria a de como acessá-los. A intenção era a de entrevistar um número representativo deles distribuídos pelos vários cursos de graduação. Pensamos⁵ inicialmente em usar como intermediário um órgão da Universidade que já tivesse certo elo com os estudantes. Essa hipótese foi logo descartada. Atrelar a pesquisa a algum segmento da instituição poderia significar um obstáculo à espontaneidade dos jovens. Se o que buscávamos eram ‘repostas não-oficiais’, seria razoável procurá-las através de um caminho também ‘não-protocolar’. A melhor saída mostrou-se então a de abordá-los pessoalmente e de modo aleatório, explicando o motivo da pesquisa e desatrelando-a a possíveis interesses da instituição. Era, contudo, um caminho mais tortuoso. Como saber quem são os jovens e chegar até eles?

Lembro-me mais uma vez dos comentários de Certeau (2004) quando fala de um ‘andar solto’, deambulante, do pedestre citadino, porém na busca de um fixo, um foco. Assim diz ele:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. (p. 193)

⁵ Refiro-me à minha interação com o grupo de pesquisa que, em certos momentos, auxiliou o estudo.

Resolvi partir dos caminhos mais acessíveis para, então, chegarmos aos mais distantes. A realização de ‘estágio em docência’⁶ na disciplina ‘Psicologia e Direitos Humanos’ abre a primeira porta, quando, curiosamente, descubro – durante o curso – uma grande quantidade de alunos-bolsistas optando por fazer a disciplina. Em conversas com a professora e, observando o cotidiano das aulas, pude constatar que não se tratava de coincidência, mas, sim, de um dado que deveria ser levado em consideração, ou seja, muitos dos estudantes de baixa renda, pelo menos a princípio deste curso específico, tentavam buscar disciplinas que tratassem da realidade social da qual faziam parte, abordando-a numa perspectiva social e política. Tive a oportunidade de conhecer alguns destes jovens⁷ que aceitaram, por conseguinte, fazer parte da pesquisa.

No contato telefônico, recebo o convite para almoçar no bandejão com o grupo para posteriormente nos dirigirmos à entrevista. Entendi o convite como uma demonstração de confiança e de extrema gentileza e aceitei-o prontamente. O bandejão é um lugar bastante freqüentado pelos jovens bolsistas e considerado por eles como um importante espaço de socialização. Em andanças pelo local, pude notar jovens bastante à vontade, grupos diferentes e de diversos cursos cumprimentando-se no horário de almoço, em tom de descontração e intimidade. Conversamos durante o almoço: eu, o grupo de jovens e o bolsista de graduação que me acompanhava como pesquisador assistente⁸. Falamos sobre professores, sobre a refeição, mestrado, futuro profissional, etc.

Recordar este momento me remete às palavras proferidas por Milito(1995), em que relata a metodologia de pesquisa de um pesquisador-antropólogo, caminhante pela cidade que, na busca de conhecer seu objeto, vê na interação e na participação suportes imprescindíveis para que se faça possível o ‘observar’. Tomemos contato com um fragmento do texto:

Observar é um pré-requisito para a participação, a interação, o atuar. No caso do antropólogo, profissional de inversões clássicas, tais como exótico-familiar, próximo-distante, selvagem-civilizado, inverte-se a diáde e o participar se torna função da observação. Participa-se para. Participa-se, a modular ‘cada’ participação no sentido do

⁶ O aluno de pós-graduação que possui bolsa CAPES precisa realizar pelo menos um semestre de experiência docente numa disciplina da graduação, supervisionada por um professor-titular.

⁷ Usarei o termo ‘jovens’ tanto para meninas como para meninos para preservar o anonimato dos participantes. Por isso, referir-me-ei sempre a eles com o gênero masculino.

⁸ Ao longo da pesquisa de campo, contei com a participação de dois bolsistas de PIBIC, Elisângela Ribeiro e Danilo Godinho, que cooperaram com o registro e análise dos dados, funcionando como assistentes e aprendizes do trabalho de campo.

aprofundamento da observação, da conquista de novos territórios. Participar, atuar, interagir, conversar, fazer as coisas do dia-a-dia são atitudes que só podem ser orientadas pela atitude fundamental para a explicitação da identidade do antropólogo ali: observar, função de observação. (p.10)

Sigo participando, interagindo, observando. Um fato me surpreende, principalmente por seu aspecto inusitado: ainda durante o almoço, um dos jovens comenta, em tom descontraído, que aquela entrevista seria uma troca de interesses. Haveria uma solicitação da parte deles, uma contrapartida, que logo seria esclarecida.

Teve início então o diálogo gravado. Tratava-se de um grupo bastante unido e que compartilhara das experiências como pré-vestibulandos comunitários e como recém-chegados na PUC, coletivamente. Grande parte dos integrantes do grupo teria vindo do mesmo curso preparatório. O fato é que estes estudantes tinham firmado uma aliança dentro da Universidade e é se apoiando nela que têm vivenciado a experiência universitária.

Um estagiário do grupo de pesquisa e aluno da PUC também estava presente. Surgem imediatamente os primeiros sinalizadores das diferenças de realidades sócio-econômicas entre o entrevistador e os entrevistados quando apóio no centro da mesa um gravador digital. Toda a atenção voltou-se para o objeto. Um jovem logo comenta:

- *Que gravador legal! O que ele faz? Seria ótimo para gravarmos as nossas aulas!*

E eu respondo:

- *Gostou? É bom, né. Comprei numa promoção na loja X. Pra fazer a pesquisa.*

Claro é que o fato trouxe-me certo mal-estar: estaria eu mesma iniciando certo distanciamento entre nós? Minha resposta foi certamente uma tentativa de amenizar a disparidade de realidade econômica entre o pesquisador e o grupo, que ficara evidente no momento em que expus o objeto. Era uma tentativa, ainda que imperceptível e de certo modo frustrada, de minimizar as disparidades entre as realidades ali presentes. Ora, frustrante porque, por mais que me esforçasse neste sentido, as diferenças existiam e foram gradativamente emergindo no decorrer do diálogo. Foi o que aconteceu no momento em que um jovem cita algumas escolas da rede privada do Rio de Janeiro e as compara quanto à qualidade de ensino às escolas públicas das quais provieram, justificando as diferenças de desempenho dos estudantes nos processos seletivos do vestibular. Um dos colégios particulares citados era exatamente aquele em que havia realizado boa parte de minha formação dos segmentos fundamental e médio.

Mas o abismo tenderia a se agravar quando os discursos dos jovens eram permanentemente atravessados por relatos de preconceito por parte de sujeitos das classes média/alta da Universidade. Definitivamente, eu fazia parte do rol de estudantes privilegiados economicamente e dos quais eles se queixavam por ter de conviver por discrepâncias nos modos de ver o mundo, concepções de vida, culturas e valores. Além de pesquisadora, eu ali representava uma classe social vista por eles como opressora, provida de regalias e que desconhecia, ignorava ou desconsiderava suas dificuldades, peculiaridades e suas lutas.

Certamente esse fato causou-me certo incômodo, tanto que, ao final da entrevista, percebo-me dando um depoimento pessoal, falando de minha história e tentando deixar claro que, embora eu fizesse parte de um outro contexto social – alvo das inúmeras críticas trazidas – solidarizava-me com suas causas e minha aproximação com uma psicologia numa perspectiva social e política teria sido justamente motivada pela possibilidade de contribuir para uma transformação social. Talvez estivesse tentando fazer-lhes recuar na visão generalista e um tanto quanto radical explicitada através do teor de seus relatos e argumentações. Talvez fosse ainda uma tentativa de auto-defesa. O fato é que, quando trago relatos de preconceito às avessas que vivenciei no início de trabalhos junto aos espaços populares, um dos jovens concorda, relatando a ocorrência de atitudes reticentes de alguns moradores de sua comunidade quando da entrada de pessoas de outras classes sociais. De um modo ou de outro, falávamos de preconceito e do sentimento de estrangeirismo num espaço social diferenciado. De certa forma, identificamo-nos. Estabeleceu-se aí um denominador comum.

Ao final da entrevista, um dos jovens retoma o comentário realizado durante o almoço a respeito da contrapartida que esperavam pelos depoimentos que se dispuseram a fornecer. Diz que, após me terem confiado suas vidas e aberto suas histórias pessoais, preocupavam-se com o uso que seria feito do trabalho: se somente para a elaboração de mais uma dissertação de mestrado para obtenção de um título ou se, ao contrário, contribuiria de fato para alguma transformação social. Disse o jovem: “Espero que esse não seja mais um trabalho acadêmico que venha a usar o tema da pobreza e desigualdade social

pra ganhar título. Nós compartilhamos nossas vidas com você”⁹. Nada mais compreensível. De fato, quaisquer que fossem os sujeitos pesquisados esta seria, sem dúvida, uma reivindicação razoável. O fato é que, de um lado, coloca-se aí um embate ético da maior relevância para nós, acadêmicos e pesquisadores da área de humanas.

O convite à reflexão sobre o tema “ética na pesquisa” surge novamente num encontro sobre *história, alteridade e subjetividade* em que participo na UERJ. Assistindo à apresentação de grupos de pesquisa com abordagens teóricas próximas à nossa, presencio um debate que traz em seu bojo a questão da ética do pesquisador nas ciências humanas. A principal preocupação dos pesquisadores presentes era a de refletir sobre a importância de um retorno da pesquisa no sentido de contribuição para o pesquisado, como um compromisso ético do pesquisador que se apropria das vidas dos sujeitos em prol da pesquisa científica. O que os jovens colocavam já estava sendo motivo de amplas discussões e polêmicas nos corredores acadêmicos.

4.1.2. 2

Continuando a Caminhada...

Em busca dos jovens...

Vou andando pela Universidade olhando todos os panfletos, o bandeirão... cartazes anunciam em todos os andares o prazo para renovação do Fies. A Vila dos Diretórios, o Pilotis, o Bar dos Funcionários, o “Bosque”, a área livre com mesas e cadeiras do departamento de Artes. (IAG)... o mural da pastoral... no alto e em destaque o título ‘Centro de Pastoral Anchieta’... Logo abaixo as informações: Sonho Cidadão: Pré-Vestibular Popular. Procuram-se professores das disciplinas de matemática, biologia, física, redação, inglês, história, química, português, geografia, espanhol. O local do curso e o e-mail para contato. Avisos sobre o FESP... Lembretes de prazos de documentação... Lista dos documentos a serem entregues... Inscrições dos novos... Horários de atendimentos dos alunos atendidos pelo projeto... vez ou outra um estudante entra e sai do local... O centro de Pastoral localiza-se abaixo da Igreja... ando por perto... duas jovens conversam e também observam o quadro de avisos...

Contava com a ajuda de uma pesquisadora-graduanda, também bolsista. Ela me conseguiria alguns contatos de seu convívio próximo. Tinha também os meus próprios, não muitos, de amigos que fiz durante meu percurso como psicóloga atuante em projetos sociais

⁹ Veio-me embutida a mensagem: ‘Olha lá o que vai fazer com a confiança que depositamos em você! Você está ganhando algo com nossas histórias. E nós, de que maneira seremos beneficiados?’

em espaços populares. Entretanto, não eram suficientes. Principalmente tendo em vista a necessidade de contatar jovens com uma pluralidade de áreas de conhecimento. Precisava de outras estratégias. Achei por bem me dirigir às Secretarias dos cursos de posse da lista de bolsistas com suas respectivas matrículas.¹⁰ Escolho um departamento aleatoriamente. Logo de imediato encontro um aluno-bolsista de outro departamento trabalhando nesta secretaria. O jovem logo se prontificou a contribuir. Quando solicito seu contato, concede-me o telefone da Secretaria, seu local de trabalho, justificando que passava a maior parte do tempo ali, quando não estava em sala de aula. Diante da falta de disponibilidade de horários do jovem, fazemos a entrevista no horário próximo ao almoço, na própria secretaria. Três aspectos me chamam a atenção: o incômodo do jovem com a presença do gravador, a ansiedade com o término da entrevista – olhava constantemente para o corredor averiguando se alguém poderia solicitar-lhe alguma tarefa ou a sala para alguma atividade – e, ainda, o fato dele não me sugerir nenhum colega que pudesse dar-me entrevista, sob a justificativa de um contato com colegas de curso bastante esporádico, devido à correria cotidiana. Estas percepções me trouxeram algumas indagações: haveria jovens bolsistas trabalhando nas secretarias dos cursos em paralelo à formação universitária? Estes jovens passariam boa parte do tempo na Universidade, o que significava uma grande jornada de estudo e trabalho? Ao contrário do grupo anterior, alguns dos jovens fariam seu trajeto como universitários solitariamente? Estas primeiras pistas estariam sinalizando algumas direções.

Além das secretarias dos departamentos, elegi outro local para focalizar meu foco de observação: a Pastoral. Pelo que pude tomar conhecimento, boa parte dos jovens freqüentavam este espaço por conta do auxílio do FESP, que era lá administrado. Passei a freqüentar as intermediações do local, lendo o quadro de avisos e observando o ambiente circundante. E foi exatamente dessa maneira que conheci meus próximos entrevistados.

Dois estudantes estavam olhando o quadro de avisos da Pastoral, por isso presumi que fossem atendidos pelo projeto. Resolvi então abordá-los. Eram colegas de curso. Um deles mostrou-se um pouco desconfiado. O outro, ao contrário, logo me forneceu o contato para marcarmos um encontro. Quando chego no local e data combinados, um dos jovens não havia chegado e o que estava presente se prontificou a acompanhar-me na busca do

¹⁰ A instituição me disponibilizou este documento.

colega que já poderia estar na Universidade, porém esquecido da entrevista. Fui então guiada aos prováveis locais em que poderia estar e o primeiro deles foi o laboratório de informática – o RDC. Ao que me parecia, alguns locais seriam bastante freqüentados por estes jovens na Universidade. O bandejão, a Pastoral e, desta vez, o laboratório de informática, apareciam como uns dos mais recorrentes.

Chegamos então ao RDC. O jovem que me acompanhava apresentou-me a outros conhecidos convidando-os a participarem de minha pesquisa. Um deles, sentado ao computador, prontifica-se. Afirma que estava verificando um prazo para inscrição em processo seletivo para estágio. Mesmo tendo pouco tempo disponível – uns minutos antes do início de uma aula – o jovem aceita participar. Nos direcionamos para o “bosque” – como alguns chamam uma área arborizada, com algumas mesas e bancos de cimento, localizada em frente à Pastoral. O colega que faltava acabava de chegar e juntar-se a nós. No caminho, fui conversando com o jovem que acabava de conhecer. Ele estava muito ansioso em realizar um estágio na sua área de atuação. Gostaria de sair urgentemente de seu atual local de trabalho – a lanchonete *Mac Donalds*. Queixava-se da carga horária e de funções bastante exaustivas, sobrando pouco tempo para dedicar-se à Universidade e a um aprendizado prático na sua área de formação. Sentamos todos numa das mesas de cimento. Realiza-se a entrevista.

No outro dia, dirijo-me à Universidade, logo no início da tarde. Entro excepcionalmente pelo portão dos fundos da PUC. Logo próximo à saída dos carros me deparo com um dos jovens entrevistados sentado na calçada ainda dentro da Universidade. Cumprimento-o e puxo assunto... “Está de castigo esperando alguém?” E ele responde: “Estou esperando um conhecido que, vez ou outra, me dá uma carona” Despeço-me e sigo em frente...

O pesquisador-Detetive: Em Busca de um Foco

Novo dia de pesquisa. Naquele dia não contava com nenhuma aula ou compromisso. Fui à PUC exclusivamente com o objetivo de observar... talvez conhecer algum jovem que quisesse contribuir com seu depoimento. Resolvi deambular sem destino certo, munida de meu diário de bordo, descrevendo meu trajeto e minhas impressões...

Passo pelo bandeirão, por volta das 18:00h., o cheiro de comida está invadindo o corredor em frente. Provavelmente estão arrumando o jantar que é servido às 19:00h. Passo pelo pilotis novamente. Têm uns jovens com uma câmera preparando alguma gravação. Um deles treina ao microfone. Vou à Pastoral, vejo uma jovem que foi por mim entrevistada entrando lá. Olho o mural, os avisos. Lembro-me dos locais citados pelos entrevistados como espaços em que costumam circular pela Universidade e o RDC é um deles. Vou até lá e, enquanto faço meu recadastramento para acesso às salas de computadores observo alguns deles conversando e um pergunta: “Ele é de algum pré-comunitário?” Bem, imaginei que fossem bolsistas pela conversa citando o pré. E logo chega outro jovem, da graduação de psicologia. Reconheço-o. Frequentava a disciplina em que eu era monitora. Coincidentemente conhecia os jovens ali presentes. Resolvo me aproximar. Pergunto: “Dá licença, mas eu ouvi vocês falando sobre pré... vocês vieram de pré-vestibular comunitário?” Eles dizem que sim. O estudante de psicologia me reconhece e lembra da minha pesquisa. E eu pergunto se gostariam de me dar uma entrevista no dia em que fosse melhor pra eles. Um deles, de outro curso, diz... “Você tem o meu contato por ele. Mas... fala um pouco mais sobre o objetivo da sua pesquisa!” Explico-lhe. E ele sai apressado em direção à sala dos computadores dizendo que tava atrasado pra fazer um trabalho.

De repente, compreendi que a escolha do acesso aos jovens, de forma aleatória na Universidade, ao contrário do que se imaginava, foi justamente o fio condutor do caminho de pesquisa no campo. Na corrida em busca de jovens que pudessem participar das entrevistas, guio-me pelos rastros e sinais que aparecem no percurso, sinais estes deixados e trazidos pelos próprios jovens. Na medida em que um contato levava-me ao outro e assim sucessivamente, descortina-se e mapeia-se um traçado que, por si só, diz muito sobre a experiência dos jovens na Universidade. O traçado do mapa foi escrito pelos próprios e pelo pesquisador-itinerante que, guiando-se por ele, vai construindo a rota através de seus passos, com seu próprio caminhar. Cada contato trazia sinais e dados sobre suas vivências e apontavam para outros contatos. O fato é que os próprios jovens trouxeram fragmentos de suas histórias através de seus depoimentos, mas também de seus passos, de trajetos, de conversas cotidianas.

Esta constatação caminha novamente na mesma direção da proposta de pesquisa descrita por Milito (1995), na obra *Vozes do Meio Fio*. Embora tratemos de diferentes objetos, concordamos com a escolha do caminho metodológico. Suas palavras servem de reflexão e elucidam este momento:

O relato dos episódios ou fragmentos entronizam o episódico no texto(...) No formato aqui escolhido, embarafustamo-nos em mil perplexidades. Desconfiamos mesmo da possibilidade de leitura deste amontoado de episódios. Guindamos à cena o material básico dos bastidores, isto é, o diário de campo, mas este com um formato bem peculiar: o de pequenas histórias, flagradas no dia-a-dia da pesquisa. De que servem as pequenas histórias senão para, passadas pelo moinho da análise, destrincharem-se do outro lado do moedor sob a forma de materiais distintos? A análise converte as histórias em temas, questões, problemas(...) Ao optar pela manutenção das histórias do dia-a-dia, fomos guiados por elas próprias. (p.12)

Pensando nisso, no fato de que a escolha de uma busca aleatória levou-me a ter, mesmo sem notar, os próprios jovens como guias de seus trajetos cotidianos, recordo-me de uma data em que me dirigia a uma comunidade popular¹¹, para realizar uma entrevista com dois conhecidos e estudantes-bolsistas. Propus-me a ir ao local devido à dificuldade de disponibilidade de tempo dos jovens em atender-me na Universidade. Ambos trabalhavam num projeto social na comunidade em que moravam e por lá facilitaria, segundo eles, a realização de uma conversa informal, encaixada nas lacunas de horários existentes entre seus compromissos de trabalho. Se lá preferiam, assim seria feito. Entretanto, a lembrança deste episódio remetia-me, mais diretamente, ao momento anterior à minha ida ao local. Ofereci uma carona à três jovens que já haviam me concedido entrevista e que residiam na mesma comunidade. Antes disso, resolvemos tomar um lanche e elas sugerem as barraquinhas (ou quiosques) localizados do lado externo na Universidade. As opções eram muitas e variadas, indo desde ‘churrasquinhos’ de carne ou frango, ‘crepes no palito’, ‘pipocas’, ‘cachorros-quente’ e salgados diversos feitos na hora. ‘*Croissants*’, ‘hambúrgueres de forno’ e muitas promoções, incluindo as bebidas. Era, de fato, mais em conta do que nas lanchonetes no espaço interno da Universidade. Mais tarde outros estudantes em entrevistas citam também as barraquinhas como opção acessível de alimentação e afirmam que os espaços da Universidade, com sua lógica de consumo,

¹¹ Refiro-me a comunidade do “Complexo da Maré”, onde trabalhei durante o período de três meses como profissional em um projeto social. Este encontro foi mediado pela minha parceira de pesquisa, a bolsista de iniciação científica, também bolsista do projeto de ação social.

separam os estudantes com diferentes poderes aquisitivos. É o que um deles denomina “seleção natural”. Alguns locais seriam mais freqüentados pelos bolsistas por serem mais acessíveis do ponto de vista econômico, como é o caso do bandeirão, do bar dos funcionários e desta vez, das barraquinhas situadas do lado externo do campus da Universidade.

Continuando minhas andanças, minhas idas aos possíveis locais de maior circulação destes estudantes na Universidade tornaram-se freqüentes. Este foi principalmente o caso da Pastoral, não só devido às entrevistas que busquei realizar com membros da equipe, mas com a intenção de observação e acesso aos jovens que, porventura, viessem por ali estar. Tive, então, a permissão para assistir uma reunião realizada pela equipe da Pastoral, de recepção de jovens bolsistas na Universidade e que se interessavam em ser atendidos pelo FESP¹². Nela, foram explicitados os ideais que norteiam as atividades deste segmento, assim como os modos de estruturação e critérios para inclusão no projeto. Surpreendi-me com a grande quantidade de estudantes interessados. Alguns atentos e em silêncio, fazendo anotações sobre documentação necessária e outros dados. Outros estavam interessados em tirar dúvidas sobre o projeto. Mas a atitude de um deles, em especial, retém minha atenção. De uma maneira um tanto quanto incisiva, em postura bastante intimidativa, o jovem questiona os critérios e o modo de seleção. A maneira como o fez assemelhava-se a de um sujeito reivindicando um direito que, por alguma razão, poder-lhe-ia ser usurpado. Ao mesmo tempo, percebo um esforço da equipe no sentido de afirmar que os auxílios seriam um benefício, e não um direito, e de justificar as escolhas dos critérios e do modo de seleção. Guardo minhas impressões para analisá-las num outro momento.

Ao fim desta reunião, um estudante conhecido pela atuação no DCE – Diretório Central dos Estudantes – convocava os jovens ali presentes para uma reunião onde seriam discutidos assuntos de interesse do alunado. Sua presença ali tinha exclusivamente a intenção de convidar os alunos-bolsistas, recém-chegados na Universidade, para o evento.

¹² Fundo emergencial de Solidariedade – Pastoral. Para ser incluído na listagem de atendidos pelo FESP, é preciso passar por uma seleção realizada pela equipe da Pastoral. A seleção é feita mediante a avaliação de documentação comprobatória sobre situação sócio-econômica cujo objetivo seria o de averiguar se o jovem estaria ou não dentro do perfil sócio-econômico determinado pela equipe. Esta restrição deve-se, segundo a própria Pastoral, ao pouco recurso que se tem mediante doações para contemplar todos os estudantes que se dirigem ao local em busca de auxílio. Além disso, a intenção principal do fundo é subsidiar jovens de baixa renda que efetivamente não tenham condições de manter-se na Universidade e de concluir a formação superior.

Achei curioso o fato e me perguntava qual seria a relação entre o DCE, os CAs e os estudantes bolsistas. Haveria bolsistas de ação social nos CAs? Em caso afirmativo, de que maneira dava-se sua atuação nestes espaços?

Apresentei-me ao representante do DCE¹³. Fiz-lhe algumas perguntas sobre a reunião que ocorreria (poderia ser um espaço interessante de investigação). No meio da conversa, cito um nome de um conhecido – o conhecia também em virtude de meu trabalho em comunidade popular - atual aluno/bolsista da PUC, lembrando-me que havia tido uma participação bastante ativa no movimento estudantil da Universidade. A intenção era a de saber se o jovem do DCE o conhecia. Somos surpreendidas, eu e a estagiária-pesquisadora, com a resposta: “Quem? O fulano¹⁴? Claro que conheço! Ele é meu ídolo!” Ao que tudo indicava, teriam feito parte de uma mesma chapa para coordenação do Centro acadêmico. Referiu-se ao jovem como alguém que, de fato, havia sido bastante implicado com o movimento estudantil e que teria se dedicado mais se não fossem as inúmeras atividades e compromissos em sua vida pessoal, família, coordenação de curso pré-vestibular comunitário, o próprio curso de graduação e outras. Suas palavras sobre o colega estavam acaloradas de admiração e saudosismo. Continuo minha jornada.

Registro a data e horário da reunião promovida pelo DCE que seria aberta à participação de todos os alunos. No dia e hora marcados, sigo em busca de observar e participar do encontro. A localização era incerta. A princípio ocorreria na Vila dos Diretórios. Entretanto, não havia nenhum movimento e indício de uma reunião no local. Dois jovens conversam sentados à calçada da Vila. Resolvo perguntar-lhes. Eles afirmam que ouviram falar da reunião mas não sabem se iria ocorrer, porque ali se organizava a popular “chopada”, a do curso de Engenharia. De fato muitas caixas de bebidas chegavam. Tonéis com gelo também. Jovens começavam a se aglomerar para a festa. Alguns seguranças também se encontravam parados no local. Espero um tempo e desisto.

Ainda realizava entrevistas com alguns atores sociais envolvidos no projeto. E foi numa destas entrevistas que surgiu mais um fato inusitado, o qual me dispus a averiguar. Um aluno-representante de um centro acadêmico de certo curso, não-bolsista, sensibiliza-se em ajudar um colega, bolsista, que, por não ter respeitado os prazos pré-estabelecidos,

¹³ Juntamente com a pesquisadora, estava a bolsista de iniciação científica da graduação.

¹⁴ Usei a expressão “fulano” para preservar a identidade do jovem.

havia sido desligado provisoriamente da lista de atendidos pelo FESP. Em acordo com demais alunos, disponibilizou-se em ajudar nos custos com seu transporte, em caso excepcional, fazendo uso da verba arrecadada pelo próprio Centro Acadêmico, até que o jovem pudesse ser novamente incluído no projeto. Além deste fato, outro merece atenção: este mesmo aluno-representante do CA haveria procurado um segmento da instituição, preocupado com um incidente que teria presenciado, envolvendo bolsistas, no seu curso de graduação. Imediatamente fui em busca do jovem para uma conversa que me fosse esclarecedora.

4.1.2. 3

As Surpresas do Campo...

Consigo o contato do jovem. Vou no Centro Acadêmico à sua procura para uma conversa. Um grupo de alunos cantava ao som de um violão, à vontade, uns deitados, outros sentados ao sofá. Conversamos próximos ao local. Suas colocações me são surpreendentes e merecem ser trazidas.

Segundo conta, o representante estudantil e alguns colegas entraram numa sala de aula, ao início de um semestre letivo, na intenção de solicitar contribuição financeira dos alunos, recém-chegados, para realização da festa de recepção dos calouros¹⁵ – a “chopada”. Ao fazer o pedido à turma, apenas pouquíssimos alunos se dispõem a contribuir (parece que costumavam pedir um valor de aproximadamente cinco reais para cada estudante e a contribuição costumava ser praticamente unânime). Seu colega de grupo fica decepcionado com a pouca aderência, entendendo-a como uma recusa dos alunos em solidarizar-se com a proposta de confraternização. O jovem, contudo, percebe que há algo diferente, principalmente por notar que a turma era majoritariamente composta por estudantes negros, o que não era comum naquele curso, tampouco na Universidade. Em outra ocasião, resolve voltar à turma no horário de um professor com quem tinha uma relação mais amistosa e solicita um espaço ao final de sua aula. Entra na turma e pede que os estudantes que fossem bolsistas levantem as mãos. Percebe, então, que a maioria esmagadora dos alunos possuía

¹⁵ Como são chamados pelos alunos os estudantes recém-chegados na Universidade.

bolsa integral. O fato lhe causa extrema indignação. Uma turma composta somente por alunos bolsistas¹⁶! Considerava a diversidade de culturas e de realidades e a convivência entre elas extremamente benéficas para todos e temia que aquele incidente fosse resultado de uma atitude segregacionista por parte da instituição.

O estudante ouve as opiniões dos alunos sobre o assunto. Alguns não se incomodaram. Outros achavam que se tratava de um *apartaid*. Houve ainda os que temiam uma estigmatização da turma e um possível tratamento diferenciado por parte dos professores. Busca a coordenação do curso para esclarecimentos. A explicação dada vai no sentido de um acaso, em virtude da matrícula dos alunos do PROUNI¹⁷ ter sido realizada posteriormente às dos demais alunos.

A conversa com este jovem foi uma das grandes surpresas que me acometeram durante a pesquisa. Inicialmente, levava comigo a expectativa de uma possível dificuldade de interação entre jovens de classes sociais distintas, especialmente nos cursos tidos como os mais elitizados. E eis que me deparo com um jovem, não-bolsista, que não somente percebe a importância de uma diversidade de culturas convivendo no espaço educacional, mas que ainda milita pela causa, reivindicando na Universidade a prevalência dessa diversidade. Surpreendi-me também com suas palavras, quais sejam:

O legal é justamente que o cara que come no Couve-Flor, mora em Ipanema, e nunca comeu no bandeirão, conviva com o cara que pega três ônibus pra chegar à Universidade e se alimenta no bandeirão através do benefício que recebe do FESP(...). A riqueza está justamente nessa diferença e no convívio com ela. O curso tem muito a perder com a situação ocorrida.

Em vários momentos da pesquisa, após discussão na pesquisa e análise retrospectiva dos acontecimentos, insisti com alguns dos entrevistados de certos cursos, em especial com os daqueles cursos que considerava de uma elite econômica, em questioná-los sobre a possibilidade de sofrerem algum tipo de preconceito por parte de seus colegas não-bolsistas. Tinha como certo encontrar este tipo de discurso nos depoimentos destes estudantes/bolsistas. No entanto, deparei-me com uma pluralidade de situações, umas confirmando minhas expectativas e outras, refutando-as. Daí a importância de desprover-se

¹⁶ Quando digo ‘bolsistas’, estou me referindo aos jovens que possuem bolsa de estudos integral, muito embora existam outras modalidades de bolsas com valores diversos. Estes dados podem ser encontrados em nota de rodapé no capítulo 2 - Programa Bolsa de Ação Social.

¹⁷ Programa Universidade para Todos – Governo do Estado.

de expectativas prévias e de se estar aberto a qualquer possibilidade de situações/fatos surpreendentes que o campo possa vir a proporcionar.

Em outro dia, sou abordada pela professora da disciplina de estágio em docência que, sabendo de meu tema de pesquisa, fala-me de rumores de dois cursos da Universidade com turmas inteiramente compostas por alunos-bolsistas. Ao que tudo indicava, corriam boatos de ter acontecido o mesmo caso acima descrito – turmas compostas exclusivamente por alunos do PROUNI – em outros departamentos. O mais intrigante não é a veracidade (ou não) dos fatos, tampouco as razões ou justificativas, mas a repercussão tomada por eles. As informações, distorcidas ou não, chegam aos alunos. Em uma disciplina em que são tratados temas como “estigmas”, “preconceitos” e “exclusão social”, na avaliação escrita, mais de um aluno haveria tomado como exemplo estes acontecimentos. Foi desse modo que a professora da disciplina tomara conhecimento destes rumores na Universidade. Vejamos as próximas direções...

4.1.2.4

Itinerários do Corpo que Vê...

(...)Precisamos ver a cidade com outros olhos e(...) precisamos percorrê-la, mesmo nos cantos conhecidos, com uma atenção que deve ‘estranhar o familiar’. (Barros, 2003: p.160)

Em certo momento da pesquisa, enquanto espero um jovem para uma entrevista no pátio do prédio Kennedy na PUC, mais uma vez observando, dedico-me a descrever o ambiente. É o pátio mais freqüentado pelos estudantes entre os intervalos das aulas. Situa-se ao lado da Vila dos Diretórios, que é o local aonde se localizam as sedes dos Centros Acadêmicos dos Estudantes, também onde ocorrem as festas de recepção para os novos alunos – as famosas ‘chopadas’. Vez ou outra, noto algumas feiras de artesanatos por estes arredores. Alguns departamentos, como o de Relações Internacionais, têm suas Secretarias ali localizadas. Muitos professores colocam os textos que irão trabalhar em suas disciplinas nas xérox dos CAs.

Como estudante da Universidade, tenho meu próprio itinerário rotineiro. Faço-o e o construo de acordo com minhas prioridades. Freqüentemente me percebo observando o

quadro de avisos do departamento de Psicologia e no da Pós-graduação. Pode haver algo ali do meu interesse, um curso, um evento... Caminho pelo pátio do prédio Kennedy sempre rapidamente, ou com a intenção de tomar uma água de côco no Fast Way – lanchonete que vende sanduíches naturais –, ou ir ao banco ou dirigir-me à Vila dos Diretórios, sempre para tirar cópia de textos. Faço meu trajeto apressadamente e com algum objetivo e destino certos.

Contudo, a partir do momento em que o espaço cotidiano passa a ser também meu campo de investigação, mudo o olhar. Começo a estranhar o que antes me era despercebido ou invisível aos meus olhos. Cenários antes corriqueiros e situações que nada diziam, agora falam por si sós, apontam caminhos, escrevem histórias. É nesta perspectiva que se justifica o trecho de abertura deste tópico. A descrição trazida, se olhada despretensiosamente, fora do contexto desta pesquisa, provavelmente induziria a sentidos outros do que se vista “munida das lentes do objeto” que se está investigando.

Entendido isto, convido o leitor, para “abrir uma janela” para o cotidiano da PUC. Faço o apelo para que sua leitura seja feita focada na temática em questão, possibilitando inferências e/ou deduções capazes de fazer indagar-se sobre o tema.

Em frente ao Fast Way...

(...)Marcamos às 19h. e, por opção do jovem, em frente ao Fast Way. Eu perguntei: ‘O que? Em frente ao FESP, na Pastoral?’ E ela falou: ‘Não, Fast Way, que vende sanduíche!’ ‘Cheguei mais cedo do que o combinado e sentei-me observando o movimento dos alunos no pátio do prédio Kennedy. Com caderno e caneta em mãos, resolvi descrever o que via naquele espaço. Sentei em frente à fila do estacionamento, que embora pequena, sempre apresenta grande rotatividade de jovens para pagar. Três meninas brancas, vestindo jeans e sandálias plataformas acabaram de pagar o tíquete e conversam. Um estande da Rede Globo de televisão encontra-se montado no meio do pátio com o título: “Esporte e Educação” anunciando horários de palestras sobre o tema. Um casal namora numa escada, um jovem cabeludo e um pouco gordinho fica sozinho por um certo tempo sentado no meio fio observando o movimento. No Fast Way, duas meninas, muito jovens (uns 20 anos) estão conversando sobre orkut. Eu pergunto onde é a fila e secamente uma delas aponta. Continuam a conversa... orkut, garotos... Um grupo de jovens trocam figurinhas de álbum – jogadores de times de futebol – vi o Uruguai e fotos de rostos masculinos com uniformes de times. Uma menina branca, cabelos lisos, pede cigarro à outra que o tira da bolsa. Volto a observar o estande da Globo. Nomes como Fernanda Venturini, Tino Marcos, Giovani(vôlei), Hortência(basquete) e Jorginho aparecem como palestrantes e mediadores dos debates. Os títulos: ‘A responsabilidade de ser um

atleta’, ‘A importância do esporte no desenvolvimento do jovem’, ‘Os valores que o esporte ensina.’ Em baixo dos slogans: Rio 2007/PUC-Rio/Globo. 18:50h. – O Pilotis enche, de repente, de jovens agrupados. A lanchonete de sanduíches está cheia. Ao lado do caixa está escrito: aceitamos cartões VISA, Rede Shop, Credicard e outros. Uma televisão ligada na lanchonete passando a novela das 18h. da Rede Globo – *Sinhá Moça*. Dois casais estão se beijando. Um dos casais bem arrumados, ele de terno e ela de blazer e sapato fechado, tipo *scarpin*, na fila enorme para comprar no Fast Way. O outro casal – ele de boné verde, camisa do fluminense e tênis, ela de salto, camisa social e bolsa/cabelos louros. Uma menina chama a atenção – camisa de seda vermelha, loura, estatura baixa, pele muito clara, calça estilo cargo usada larga dando um aspecto despojado e “masculinizado”, bolsa colorida com predominância do azul. Parecia destoar do estilo de roupas das jovens ali presentes. A menina a ser entrevistada chega. Pergunta como vai ser a entrevista porque está muito resfriada e diz que segunda-feira é um dia ruim. Ela disse que ainda ia jantar naquele momento, apontando o bandeirão. *Achei diferente ela ter falado que ia jantar. A maioria esmagadora dos jovens estudantes da noite lanchariam... no Fast Way. Ela tem cabelos pretos chapeados, negra, bem alta, bem magra, aparência de modelo. Então ela pergunta: ‘como vai ser essa pesquisa? Porque hoje o dia está muito ruim, está muito corrido e eu estou muito resfriada, sabe.’ Afirma que estarão no dia seguinte às 17:00h. na biblioteca, na sala de estudos em grupo. Vou embora sem a entrevista e combino de passar no dia seguinte na biblioteca ao encontro dela. No caminho para casa, no ônibus, 410, onde entram muitos estudantes da PUC em direção à Zona Sul - moradores da Zona Sul como eu - duas jovens e um rapaz discutem sobre orkut. Uma fala que ficou sabendo que criaram um programa que é capaz de saber quem vasculha seu perfil no orkut. E diz... ‘cara, perdeu total a privacidade!’ Depois, no meio da conversa ela fala: ‘Eu estou querendo sair mas sempre acontece algo que faz eu ficar’.

O que chamo de ‘olhar através das lentes do objeto’, significa dar atenção aos sinais e pistas que, se ‘vistas a olho nu’, são a princípio insignificantes, mas, se focalizadas no que se pretende desvendar, podem trazer sentidos outros. Através do meu campo de visão, organizo minhas percepções na forma de escritos. Estes relatos podem, por si sós, falar algo sobre a vivência dos jovens na Universidade, já que é neste contexto que eles a experimentam cotidianamente. Organizando em palavras, em texto escrito, minha observação, tenho a intenção de abrir uma fresta na janela com vistas ao cotidiano da PUC, de modo que o leitor, tomando minhas lentes de empréstimo, possa acompanhar o cenário no qual se constrói toda a caminhada dos transeuntes que por ali circulam. Certeau (2004) comenta o seguinte:

A opacidade do corpo em movimento, gesticulando, gozando, é que organiza indefinidamente um aqui em relação a um alhures, uma familiaridade em confronto com uma ‘estranheza’. O relato de espaço é em seu grau mínimo uma língua falada, isto é, um sistema lingüístico distributivo de lugares sendo ao mesmo tempo articulado por uma focalização enunciativa, por um ato que o pratica. Este o objeto da ‘proxêmica’. Basta

aqui, antes de ir buscar as suas indicações na organização da memória, lembrar que com essa enunciação focalizante o espaço surge de novo como lugar praticado. (p.217)

Spink (1999) resgata o que chama de ‘a metáfora do binóculo’. Neste momento, suas palavras a respeito podem ser de grande contribuição para o entendimento do que se propõe aqui.

Se olharmos através desse instrumento, conseguimos visualizar uma cena composta de tal forma que a especificidade de seus elementos pouco interferem no conjunto, a totalidade aponta para além da soma de suas partes. Vemos, por exemplo, uma densa floresta. Ao invertermos esse mesmo instrumento, passaremos a visualizar não mais a primeira cena, mas uma outra imagem, uma outra cena. Vemos, por exemplo, uma formiga sobre uma pequena folha seca. A formiga estava lá, por certo, desde a primeira observação, porém nosso olhar, no primeiro momento, só nos permitiu nomear a floresta. (p.45)

Continuemos, então, com os relatos, ou, como já diria Certeu (2004), a “organizar as caminhadas”(p.200).

No Pilotis tudo acontece...

O pátio do prédio Kennedy é onde se situa a biblioteca central, no terceiro andar. Situam-se também ali alguns bancos (financeiros). Muitos estudantes ficam por ali, sentados em grupos, individualmente. Uns conversam, riem alto, alguns com fones de ouvido. É um espaço de grande circulação de jovens, especialmente nos intervalos das aulas e nos horários de almoço. À noite o movimento é ainda maior. Muitos cursos funcionando no período noturno.

Certa vez, atravesso, apressadamente, o pátio com destino à Vila dos Diretórios. Precisava xerocopiar um texto e voltar em poucos minutos. Estava atrasada para a aula. Percebo um alvoroço no pátio do prédio Kennedy. Um grande círculo formado por estudantes centrava-se no pátio, em frente à cabine de pagamento do estacionamento. Alguns jovens permaneciam em pé ao redor da roda. Apenas alguns, não muitos.

Horário de almoço. O pátio lotado de estudantes. Um barulho enorme. Interesse-me em entender o que acontecia, quem eram aqueles jovens e em função de que propósitos se reuniam no local. Ao centro do círculo reconheço o jovem representante do Diretório Central dos Estudantes – DCE, que eu havia conhecido na reunião dos bolsistas em outra data. Com todo aquele barulho, esforçava-se em ser ouvido pelos colegas. Refere-se aos jovens presentes como representantes de centros acadêmicos de cursos. De fato o eram, pois assim alguns se identificavam quando tomavam a palavra. Um destes jovens tenta

otimizar o tempo e organizar a pauta da reunião. Tenta objetivar a discussão para que a reunião fosse produtiva. Um dos assuntos... o decreto imposto pela prefeitura vetando a possibilidade de realização de ‘chopadas’ no campus. Este assunto era a grande polêmica do momento. De acordo com rumores ou boatos, moradores residentes nas proximidades da Universidade, especialmente aonde acontecem estas “chopadas”, teriam participado de um abaixo assinado reclamando do barulho que se fazia quando ocorriam estas festas no campus, o que provavelmente teria motivado a feitura do decreto. Além destes assuntos, outros faziam parte do rol de tópicos a serem debatidos no local. Contudo, minha pressa impediu que pudesse observar um pouco mais a reunião. Chama-me a atenção o fato daqueles jovens estarem fazendo uma reunião no centro do ‘pilotis’ do Kennedy num horário de tanto movimento, com um espaço tão vasto na Vila dos Diretórios ou em tantos outros da Universidade. Os estudantes precisavam gritar quando tomavam a palavra. Dispunham apenas de um megafone que ainda assim não era suficiente. Provavelmente foi uma tentativa de fazer os demais alunos da Universidade participarem daquele acontecimento, ou mobilizarem-se. Constituiu, também, uma forma de se fazerem visíveis, ainda que poucos jovens estivessem no entorno, preocupados em ouvir o que se discutia na reunião – dos representantes de centros acadêmicos e DCE – mesmo que o pátio estivesse repleto de jovens, alvoroçados, por toda a parte.

Outro dia resolvo andar pela Universidade novamente. Subo pelos andares do prédio Kennedy e observo os quadros de avisos dos cursos, a movimentação dos jovens pelos corredores. Avisto dois jovens parados conversando em frente a uma escada. Resolvo abordar-lhes e pergunto se conhecem algum colega bolsista que pudesse me conceder uma entrevista. Os jovens citam um nome, mas titubeiam quanto à aceitação do colega em contribuir. Ainda assim, pedem meu contato telefônico para passá-lo. Eu comento que estava com certa dificuldade por conta da falta de disponibilidade de tempo dos jovens. Eles concordam e sugerem: “Por que você não procura nos cursos pré-vestibulares comunitários? Eles costumam freqüentá-los mesmo após entrarem na Universidade!” Achei o comentário bastante preciso para ter vindo de alguém que não conhecia esta realidade. Depois de um tempo conversando, pergunto se são bolsistas. Afirmam timidamente que sim. Relutaram em identificar-se. Bem, peço uma entrevista e eles afirmam que não têm disponibilidade de tempo para um outro dia. Contudo, começamos uma conversa informal

que me traz dados bastante interessantes. Ao final do “bate-papo”, chegam outros jovens que acabaram de sair da aula que termina. Os dois jovens me apresentam a um dos que chegam sugerindo que marcasse uma entrevista com ele. Este último se prontifica imediatamente e ainda exclama: “Pode me ligar qualquer dia em torno deste horário porque tenho muito que lhe contar!” Fico então com os depoimentos informais dos jovens, um contato que me parecia bastante promissor e refletindo sobre minhas novas impressões.

Faz-se aqui pertinente fazer um adendo, destacando um trecho de Milito(1995) a respeito do caminhar do pesquisador etnográfico pelo campo:

O movimentar-se de um antropólogo no campo, por maior que seja o grau de intimidade que tenha com o seu objeto, a intersubjetividade conseguida, o grau de fusão dos horizontes, será regulado também por sua curiosidade, seu interesse, suas incertezas específicas. O conjunto de tais movimentos e vivências compõe o mapa mental da pesquisa, projeto, hipóteses, comprovação, suficiência da comprovação, relativização das projeções pessoais sobre experiências vividas. (p.11)

Estava de tal maneira imbuída pelo tema de pesquisa que andava pela Universidade olhando-a através dele. Para todo, situações me pareciam sinais. Observava os corredores, o pátio, o RDC e até as salas de aula¹⁸.

Na informalidade do Espaço. Ainda no Pilotis! Uma Entrevista Descontraída

Procuro na minha rede de contatos pessoais indicações de jovens para entrevistas. Consigo uma. Envio um e-mail com contato e, quando estou na Universidade no período da noite recebo a ligação do jovem propondo-se a ajudar. Ele estava saindo de uma aula e

¹⁸ Certa vez, entrando numa delas deparo-me com o seguinte aviso escrito no quadro:

Vendo:

Brigadeiro – 1,00

Mousse de maracujá – 2,00

Mousse de Chocolate – 2,00

O Nome de uma menina e o telefone celular.

Presumi que tivesse sido escrito por um aluno com dificuldades financeiras. Em se tratando de PUC, caso fosse um aluno, seria certamente um aluno-bolsista. Liguei. Pensei em comprar um doce e ao mesmo tempo conhecer quem teria posto o anúncio. Ligo pra o telefone na parte da tarde. O jovem afirma que estudava na Universidade, só que na parte da manhã. Logo, não poderia ser encontrado naquele horário. Após muito refletir, achei por bem deixar o contato de lado. Não me sentia bem fazendo uso do trabalho do jovem para colher dados para a pesquisa. Lembrava-me das palavras dos primeiros jovens entrevistados. O dilema ético por eles trazido acompanha-me em minhas andanças. A história fica então inacabada, e da mesma forma a deixo para o leitor, que tem a liberdade de dar-lhe seu próprio acabamento (não somente aqui, mas em todo o trabalho). Fiquemos, todos, com os rastros que ela nos deixa pelo caminho.

poderia dar-me entrevista naquele momento. Diz que traria uns amigos, não imagino que fossem tantos! Estou a postos...

O Pilotis com uma TV voltada para o pátio exibindo um jogo de futebol. Vários rapazes parados em pé em frente ao aparelho. Jovens brancos, negros, de várias idades, todos ali hipnotizados pelas imagens da televisão. Futebol é de fato uma linguagem universal! Faço mais um contato com o jovem e marcamos o encontro com seu grupo. Eu falo em Fast Way e ele diz que não conhece. Ele fala em cabeça do Kennedy e eu não conheço... Nos descrevemos... nossas roupas... marcamos às 19:00h. A entrevista... uma hora e meia de duração. O grupo acabava de entrar na Universidade, estavam no primeiro período. Eram sete. Dois bolsistas, ex-alunos de pré-vestibulares comunitários, outros do PROUNI. Os jovens chegam todos falando ao mesmo tempo, animados, rindo... os meninos são 'estilosos'... um visual 'afro', a pele negra comungando com os cabelos black power, gorro e cabelo com trancinhas 'rasta'... acho muito legal o que vejo... o visual, o estilo, o clima de amizade... muita descontração, cumplicidade. Nitidamente satisfeitos por estarem ali, por fazerem parte daquilo tudo... Pareciam conhecidos de anos! Será?

Sentamos, todos, no estande armado no pátio para o evento sobre esporte e educação, patrocinado pela Rede Globo de televisão. O estande estava vazio, já que as atividades já haviam-se encerrado naquele dia. Usamos umas cadeiras e fizemos uma roda. Coloco o gravador no centro, no chão de carpete do estande. Todos conversam e riem ao mesmo tempo. O fato de estarem entre amigos (e em maioria) faz com que se sintam extremamente à vontade e transformam esta entrevista em uma conversa descontraída. Piadas entre si, trocas de informações sobre disciplinas, xérox de textos... Uma jovem me chama atenção. Ela não é bolsista. A única do grupo. Um deles pergunta se ela pode participar. Eu digo que não há problemas mas ela se sente envergonhada e prefere dar uma volta enquanto os colegas participam. Um jovem fala sobre o gravador. Mais uma vez o gravador! Sugere que testemos antes da gravação preocupando-se com a possibilidade do aparelho não registrar com clareza tantas vozes em uma certa distância. Conversamos um pouco sobre isso... sobre gravadores digitais. Ele parecia conhecer sobre o assunto! O gravador parecia ter intermediado uma aproximação entre nós.

A entrevista me surpreende bastante. Acabam de entrar na Universidade, estão ainda sem o auxílio de transporte e de alimentação, ansiosos em serem inseridos no projeto do FESP. A união do grupo parece ser o principal esteio para superarem as dificuldades. Logo de imediato é o fator que mais fica explícito. Criam uma rede de apoio e de amizade. Uns espelham-se nos outros, orientam-se mutuamente. Claro é que alguns estão em situações mais difíceis do que outros, cada um com suas peculiaridades. As realidades mostram-se

bastante diversas: jovens que vieram de outro estado, de outros municípios, de comunidades populares da cidade do Rio de Janeiro, dentre outras situações. Falam de preconceito, mas também de uma turma em que jovens de várias realidades sociais interagem. Falam das dificuldades, mas mais do que isso, da luta que foi chegar até ali e do quanto estão orgulhosos de terem alcançado os seus objetivos e de estarem na PUC. São bem articulados. Alguns me parecem bastante amadurecidos. O desejo de mudança, de transformação individual e coletiva, parece ser o combustível que os fazem continuar “correndo atrás” – expressão que um deles usa – como uma máquina a todo vapor. Conduzem um debate mediado pelas minhas questões. Um afirma que tentou sete anos o vestibular. Chama-me a atenção o modo como falam das dificuldades que vivenciaram. Foi motivo de gargalhadas o relato de um deles sobre uma das atividades laborativas que já precisou praticar para se sustentar... vender gergelim. Riem todos, inclusive o próprio jovem. Todos parecem se divertir com o encontro¹⁹. Sinto-me tão à vontade que me esqueço, por certos momentos, que sou a entrevistadora e que se tratava de uma pesquisa. Sou bem acolhida pelo grupo. Explicam-me sobre o PROUNI, informações objetivas sobre o sistema. Começa um debate sobre o assunto. Uma discussão sobre as cotas também. Eu os oriento quanto ao FESP. Eles acabavam de entrar na Universidade e não tinham o benefício. “O riso torna as dificuldades da vida mais leves”, é a mensagem que alguns deles tentam passar quando começam a relatar situações de privação pelos quais estariam enfrentando, pela dificuldade com os custos de alimentação, transporte, etc. Declara um deles: “Acho que a gente pode ainda rir disso, não é que esteja acontecendo aquele papo... ‘a gente vai rir disso ainda!’ A gente já ri disso agora! (Todos riem...) O bom da gente tá rindo é que a gente não ri da desgraça alheia. A gente não fere ninguém, não ri de ninguém, a gente ri da nossa própria desgraça.” E o outro... “Acho que brincar às vezes... satirizar a vida... dá uma amenizada, né.” Uma lição de vida. Enquanto alguns choram, lamentam-se, outros encontram no senso de humor, força para enfrentar as adversidades.

Ao final, falam que participam de um grupo de teatro e me convidam para assistir no fim de semana uma peça do grupo. Não seriam os atores desta vez mas, estariam assistindo. A menina que não é bolsista volta e junta-se ao grupo. Um dos jovens fala da união do grupo e do fato de jovens não-bolsistas de sua turma desejarem dele fazer parte.

¹⁹ Todos, inclusive eu! Parecia ter perdido a conotação de entrevista... pelo menos a daquela convencional.

Citam a menina presente como exemplo. Pede que ela fale sobre o que pensa sobre eles. A menina fala com admiração dos colegas. Um deles diz: “Ela é uma burguesinha gente boa!” E todos caem na risada. Acaba a entrevista. Um deles vem conversar comigo sobre a pesquisa. Explico sobre a metodologia. Além deste, outro tem a mesma idade que a minha, o que talvez tenha contribuído para aproximar-me do grupo ainda mais.²⁰ Saio daquele momento bastante contagiada pelo grupo. Aquela entrevista, ou melhor, aquele encontro, ficou na minha memória por um tempo. Sigo em frente... muitas situações ainda estavam por vir...

A Biblioteca: Relatos de Experiências com o Espaço e com o Outro.

Preocupada com a escritura da dissertação e em como faria para materializar toda a pesquisa na forma de texto escrito, sigo para a biblioteca para ler algumas dissertações e teses já defendidas. Precisava de vetores que me esclarecessem. Entro e faço a solicitação do material. Lembro-me do primeiro dia em que entrei na biblioteca. Ficara impressionada com a estrutura e sistematização do funcionamento. Transcrevo minhas lembranças e divido-as com o leitor para que continue seguindo meus passos.

Quando procuro um livro, o faço pelo computador situado na bancada localizada na entrada da biblioteca e anterior à roleta. Se ele está disponível para empréstimo, passo a carteirinha de estudante, com o devido código de barra e o comando é imediatamente enviado à instância responsável. O livro é imediatamente disponibilizado e está à minha espera na bancada da parte interior da biblioteca. Passo pela roleta – antes dela tem uma fila dedicada a pegar chaves de armários para guardar o material e outra destinada para entrega de material e pagamento de multas pendentes. Na roleta, há um funcionário cuja função é conferir os livros que irão sair do local, se estão devidamente cadastrados e autorizar sua saída. Sento-me em uma mesa individual com o material e uma moça senta-se na mesa da frente, abre uma tampa de ferro situada ao lado direito de sua mesa, no chão de carpete. A tampa esconde uma tomada aonde seria conectado o fio de seu laptop. Nunca soube de uma tomada para tal função na lateral das mesas de uma biblioteca. Quando me dou conta de que todas as mesas têm esta tomada e, ainda, alguns estudantes estão trabalhando em frente aos seus laptops. Coisa impressionante! Se o era para mim, o que dirá para os estudantes que sequer têm computadores em suas residências.

²⁰ Tive vontade de ir à peça de teatro. Infelizmente não foi possível. Pensei ainda em ir à Pastoral reivindicar pelos jovens para que fossem incluídos na lista de atendidos do FESP. Achei que não seria certo. Assim como eles, muitos outros teriam necessidades e eu não deveria interferir no trabalho dos profissionais. Além do mais, os próprios jovens sabiam “correr atrás” (expressão muito corriqueira entre eles, bastante coloquial, daí sua manutenção no texto desta dissertação, tentando manter a verossimilhança para o leitor) de seus objetivos e necessidades.

De volta ao momento em que busco subsídio teórico-metodológico para a realização deste trabalho... continuemos, pois, na biblioteca da Universidade. Precisava da orientação de algum funcionário para encontrar um material que estaria situado na estante. Vejo um jovem, negro, com cabelos com tranças “rastafari”, e penso em perguntar-lhe se trabalha ali. Lembro-me dos depoimentos dos jovens a respeito de situações no início do Projeto Bolsa de Ação Social na PUC em que os únicos estudantes negros eram confundidos com os funcionários. Estes incidentes, verídicos ou não, cristalizaram-se como representativos de atitudes preconceituosas para/com os jovens bolsistas da época. Resolvo não pedir ajuda ao jovem. Era, porém, o único que estava próximo a estante. Mas poderia ser um estudante da Universidade. Quando chega uma estudante²¹, pergunto-lhe se sabe de alguém ali que possa me orientar. O jovem com as tranças escuta o diálogo e imediatamente se aproxima. Era ele, de fato, o funcionário. Poderia perfeitamente ser também um aluno em busca de um material.

4.2.

Um Balanço da Caminhada...

De uma geografia preestabelecida, que se estende (se a gente se limita apenas a casa) desde os quatinhos, tão pequenos ‘que não se pode fazer nada deles’ até ao legendário celeiro, desaparecido, ‘que serve para tudo’, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço. (Certeau, 2004: p.207)

Durante a pesquisa de campo, muitas situações aconteceram. Pistas que levavam a lugares e encontros interessantes, sinais que abriam portas inusitadas, surpreendentes, mas também desencontros, percalços, contrariedades, impasses mas também entaves. Além dos acontecimentos aqui descritos, muitos outros fizeram parte desta jornada. Causaram surpresas, desmentiram velhas crenças, mas ainda repetiram o já sabido. Todos os acontecimentos ocorridos durante este processo foram responsáveis pela construção do sujeito-pesquisador, assim como todos os anteriores a ele, processo este que, por sua vez, continuará permanentemente em movimento, mesmo após o término da dissertação.

O trajeto não estava determinado a priori. Ele foi sendo realizado na medida da caminhada. Cada passo conduzia a outro e assim sucessivamente. O Pesquisador-itinerante

²¹ Essa era mesmo aluna. Estava estudando em uma mesa próxima anteriormente.

deambula pelo campo e se guia pelas pistas que o interpelam pelo caminho. O principal objetivo era o de encontrar jovens bolsistas de cursos variados para participarem das entrevistas. No afã de encontrá-los, eles próprios mostraram o caminho. É como dizem os relatos de Milito (1995), já trazidos, sobre seus passos como pesquisador-participante: “Ao optar pela manutenção das histórias do dia-a-dia da pesquisa, fomos guiados por elas próprias”. (p.12) Cada palavra solta, encontros não-realizados, outros inusitados, significaram fragmentos de suas histórias. O corpo do pesquisador-caminhante foi o instrumento usado para contá-las. Seus depoimentos serão os arremates principais da teia.

Todos os fatos, somados às impressões e percepções aqui relatados e os outros que não puderam ser trazidos, estão presentes, direta ou indiretamente, no modo como estruturo e organizo este trabalho. Entretanto, selecionei aqui apenas algumas das situações que fizeram parte desta empreitada. Aquelas que marcaram meu trajeto. É como diz Milito (1995):

O que as histórias trazem para quem as ouve ou as lê? A ambivalência em que medraram, as emoções desconcertantes e desconcertadas que se entrelaçaram entre seus atores e suas testemunhas, a possibilidade de integrar o imprevisto, detalhes convocados para compor o quadro. Mas, quando contamos histórias, selecionamos personagens, montamos as situações significativas numa cadeia sintagmática que elimina várias outras situações consideradas redundantes ou significantes. Determinamos os detalhes interessantes. (p.13)

O próximo capítulo – último, mas não conclusivo –, tentará unir o quebra-cabeça, trazendo, desta vez, a experiência dos jovens em suas próprias vozes. Convido alguns autores para dialogar com eles. Fica o convite também extensivo ao leitor.